

ECHUS DO IBATÉ

Informativo dos ex-alunos do Seminário do Ibaté

S. Roque - SP - Ano 14 - n.º 85 - Maio/Junho - 2006



Nós somos fortes jogadores desse nosso futebol. Jogamos desde manhã cedo quando no horizonte surge o sol

Não há prazer maior na vida do que dar um forte pontapé na bola que faz um gol contra o goleiro Zé Mané.

Colega, dribla, passa, chuta, uá!
Avança, corre, pega a bola lá.
Coragem! Toca, vá prá frente já.
Não deixa escorregá!

Assim, o nosso time ganha fama de campeão no lero-lero. E hoje, quando nós jogamos, a vitória foi de cinco a zero.

Foto cedida pelo colega Paulo Toshi (49/53)



2006 - O ANO DA COPA



Começa dois mil e seis, o ano marcante, ano da Copa do Mundo, fato importante, futebol se agita com o acontecimento; toda a atenção se volta à Europa, Alemanha, direto, a sede da Copa vibração e entusiasmo em torno do evento

Daniel Gasparini - (Pirapora-1946) - convidado especial ()*

Na nação germânica, a grande expectativa, notória alemanha, galharda e ostensiva, prepara o cenário da grande parada; no mundo da bola, seu desvanecimento e o país se engalana ante o grande momento à festa grandiosa, a abertura sonhada.

Na máxima do esporte, o assunto principal, Seleção Brasileira, o auge, sensacional, o Brasil disparado na 'boca do mundo'; favoritismo total, o futebol-arte, na América, Europa, África, em toda parte, a Equipe Canarinho, o badalar profundo.

Todos nós do Brasil estaremos torcendo para que o time acerte e chegue vencendo na rota do hexa, decisão magistral; repita seus feitos, marcando as vitórias e em nove de julho se cubra de glórias trazendo, de novo, o TÍTULO MUNDIAL.

(*) Daniel Gasparini é ex-aluno de Pirapora, turma de 1946. Cidadão de Salto-SP. Professor aposentado de Português e Geografia. (11) 4029-3351

Sol em Itatiba



Eis que novamente o casal amigo, Rovirso Boldo e Oksana Dziura, oferece-nos as delícias e o conforto de sua chácara em Itatiba. Futebol, churrasco e efusivo convívio fraternal de todos os membros da *Turma do Ibaté*. Será no dia 19 de agosto próximo, um sábado, a partir das 09:00 horas. Se você nunca apareceu, não perca esta singular oportunidade de sol, calor, tranquilidade e um dia inesquecível, distante dos problemas e preocupações, um verdadeiro oásis. Cada um levará a munção de alimentos e bebidas que for consumir. Não se esqueça das chuteiras; o campo é gramado. A casa de campo fica no Condomínio Itaambu (informações: 9804.7558). Na altura de Jundiá, indo pela Rod. Bandeirantes ou Anhangüera, procure sinalização para Itatiba. Você deverá atravessar esta cidade, indo em direção a Bragança Paulista. Após passar sob o viaduto, que é a Rod. D. Pedro I, ande mais uns 3 km, e entre à esquerda tão logo aviste um Posto de gasolina (*Shopping Moenda*). É uma estradinha asfaltada de 2 KM, até o condomínio. Maiores informações e confirmações, ligar para: Acácio (Zezo) coml. (11) 3104.3142 - Fausto coml. (11) 4141.3874 - Mosca res. (à noite) (11) 3864.8852 - Rovirso res. (11) 3906.0283.

Morro Saboó, nosso velho professor

Renato Gabriel (71/73*)



Estava preparado para enfrentar uma grande aventura: escalar o Morro Saboó, nosso velho e conhecido teste de aptidão física, que tanto nos marcou a memória. Já lá se vão quase 40 anos, mas parece que sempre estive preparado.

Mas estava mesmo?... Naquele sábado, tudo parecia dar errado, acordei com uma forte gripe, minha máquina fotográfica emperrou, a água virou dentro da mochila, fora a preocupação de que minha falta no trabalho pudesse causar problemas.

É, seria mais que um simples teste de aptidão física. Minha fé, minha vontade, meu desprendimento, estavam em jogo.

Se quisesse lembrar as coisas boas do passado, reencontrar aquela energia edificante do Ibaté, teria de subir, subir muito mais que o Morro Saboó, nosso velho professor.

Mas Aquele que nos testa, nos dá força, nos dá alegria, nos dá a compreensão. E eu fui com fé e coragem. E tudo mudou, a gripe não incomodou, a falha da máquina obrigou a reter as imagens na retina com mais precisão e a roupa molhada na mochila serviu para limpar o suor do rosto. E eu sorri, tantos rostos amigos, tanta união, tanta fé. E eu rezei lá no alto do Saboó, junto com todos, a mais bela oração, aquela que o Senhor nos ensinou, e continua ensinando. Obrigado Senhor! Obrigado senhores!

(*) Renato de Oliveira Gabriel, 48, o Índio, é publicitário em São Paulo-SP - renatogabriel@debrito.com.br

CASO EDIFICANTE

A ORIGEM DO RISQUINHO NO NÚMERO 7

José Lui* (49/56)



Até os dias de hoje, muita gente, quando escreve o número 7, ainda coloca um pequeno tracinho no número. Oficialmente, este pequeno traço não existe, como dá para constatar digitando a tecla 7 do teclado do seu computador, calculadora ou qualquer outro aparelho que pos-

sua teclado.

Vocês sabem a origem deste costume?

Para responder, temos que voltar muitos séculos, aos tempos bíblicos, quando Moisés estava no Monte Sinai e lhe foram ditados os 10 mandamentos. Em voz alta, ele foi anunciando à multidão, um por um. Quando chegou no mandamento sete, Moisés disse: "Não desejarás a mulher do próximo!". Houve um breve silêncio... E a multidão rompeu, gritando em coro: "Risca o sete, risca o sete!".

Esta é a verdadeira história do risquinho no sete, naturalmente não divulgada pela Igreja para que não se possa justificar o pecado mais desobedecido dos 10 mandamentos.

N.E. O presente "Caso Edificante" foi enviado pelo colega, Prof. José Moreira de Souza (55/59) diretamente de Belo Horizonte (MG).

(*) José Lui, 69, filósofo e teólogo, administra o Cemitério Gethsemani Anhangüera em S.Paulo-SP - roselui@picture.com.br

ECHUS INFORMA: A encantadora excursão ao Morro do Saboó aconteceu como a aguardávamos, neste último sábado de maio, com muita alegria e animação. A aventura da escalada foi um sucesso e contou com a participação de inúmeros colegas e seus familiares, representantes unidos de todas as turmas do seminário: Antônio Carlos Correa (Careca) - Antônio José de Almeida - Antônio Paulo da Costa Carvalho (Jânio) - Atílio Brunacci (o Venerável) e aquela que segura todas as suas barras, sua santa esposa Luzia - Eduardo Antônio Santiago (Manga) e sua namorada-fotógrafa - Eduardo Pires D'Elboux, o camera-man, com sua esposa, Vera, e Maria Aparecida, viúva do inesquecível José Osório Pires D'Elboux - Francisco Fierro - Gilberto Gomes (Tigueis) e esposa, Márcia - Roberto Delgado de Carvalho - Holien Gonçalves Bezerra - João Bosco Amstalden, saradíssimo, foi o primeiro a chegar lá no cume da montanha - Joaquim Benedicto de Oliveira, o Quinzinho, com sua netinha Fernanda no colo, a esposa, Terezinha, a filha Ivana e o genro Beto - José Novaes com os filhos Carlos e Eduardo e o genro, Márcio - Luiz Guimarães Fortes (Gigante) - Luiz João Corrar - Moisés Francisco Sanches, que estava com Sérgio, Reginaldo e Carlos Eduardo, de 7 anos. - Renato de Oliveira Gabriel (Índio) - Rovirso Aparecido Boldo - Tomaz de Aquino Toledo - Wilson Cândido Cruz, com o filho Emerson e a esposa, Isabel - e Wilson Mosca com seu cajado de jacarandá. É claro que muitos compareceram apenas mentalmente, dentre os quais citamos Lourenço Medeiros Fernandes, o Perereca, que, embora muito bem, ainda não teve alta para subir o morro, o Paulo Toschi, que não apareceu por precauções cardiológicas e diz que só sobe o morro em asa delta, e o Rocco Antônio Evangelista que, de sua cama em absoluto repouso, enviou-nos suas mais positivas energias - e nós para ele em todos os instantes. Tantos ainda há que, embora cheios de vontade, por concorrentes incidentes, não puderam comparecer, como você, prezado leitor, com o qual contamos presença numa próxima oportunidade, se Deus quiser e para a alegria de todos.

Walter Barelli é comendador

Atílio Brunacci (49/56*)

Onze de maio de 2006, pontualmente às 17:30 hs, a juíza presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região de S.Paulo dá por aberta a sessão solene da 3ª Outorga da Comenda do Mérito Judiciário e anuncia a execução do Hino Nacional pela Banda da Polícia Militar. Tribunal Pleno, com a presença de todos os juizes do TRT, de autoridades civis, eclesíásticas e militares e grande número de assistentes.

Nessa sessão solene, o colega ibateano, Deputado Federal **Walter Barelli**, foi agraciado com o título de Comendador, sendo condecorado com a **Gran Cruz do Mérito Judiciário**.

E mais: entre os juizes do Tribunal Pleno, também a presença do colega ibateano **Rovirso Aparecido Boldo**, devidamente togado, por ser Juiz desse mesmo Tribunal. Sua esposa, **Oksana Maria Boldo**, que é Procuradora Regional do Trabalho, foi igualmente agraciada com a Gran Cruz do Mérito Judiciário, sendo condecorada pelas mãos do Rovirso.

Nas palavras da Juíza Presidente, "A outorga, é o reconhecimento deste Tribunal pelo que eles fizeram em prol da coletividade".

Parabéns. Avante Ibaté!

(*) Mineiro de Poços de Caldas morando e atuando em S.Paulo-SP (brusfe@hotmail.com), **Atílio Brunacci**, 70, graduado em Filosofia e Teologia, é escritor, educador e consultor ambiental para a área de Desenvolvimento Comunitário.

MEMÓRIA

Por favor, enterrem nosso coração no topo do Saboó

José Wolf (50/58*)



Quem teve o privilégio e a bênção de viver no Seminário do Ibaté (entre tantos, Alfredo Barbieri, Atílio, Corazza, Manga, Francisco Fierro, José Justo, Paçoca, Fioravanti, Santini, Fuga (Rolando Zani), Beta, Durval de Almeida, Décio Pereira, João Rípoli, Paulo Toschi, Furnaletto, Wilson Mosca (Mástiga) e Nelcindo, José Éffori, Heládio, Guarnieri, José Maria Pinheiro, Laerte, Quinzinho, Walter Barelli, Casagrande, Letterio Santoro, etc.) nos idos dos anos 50 e 60, com certeza, acalenta ainda em seu coração e memória alguns símbolos emblemáticos dessa época, feitos uma tatuagem difícil de se apagar.

Um deles: o morro do Saboó. Símbolo que devemos aos padres Constantino Amstalden e Paschoal Amato.

Lugar-referência, que já foi objeto de reflexões e comentários instigantes de colegas, incluindo o *Entre as colinas do Ibaté, o imponente Saboó* (Echus 54), de Antônio Joaquim Andrietta, o *Ubi nós, ibi Saboó*, de Joaquim Benedito de Oliveira - o carinhoso Quinzinho - (Echus 63), o *Saboó, I love you*, de Antônio Carlos Correa - o cabeludo Careca - (Echus 42) ou o *Per aspera ad astra*, do deputado Walter Barelli (Echus 68).

Reverenciado como uma espécie de monte Tabor, onde um dos apóstolos (Pedro, se não me engano) - lembram-se? - suplica ao Senhor: "Ah, como seria bom ficarmos aqui, Senhor!".

A vida, contudo, não é estática, mas dinâmica e sempre em mutação e evolução. Assim, muitos desses peregrinos do Saboó morreram ou envelheceram ao longo de seus dias. Assim, alguns, agora, como eu, se descobrem sem condições físicas de escalar o morro. Um morro cercado por um cenário verdejante de plantações de caquis, videiras, alcaçofras, atalhos e um riacho, à margem do qual a gente, quando jovem, se refrigerava depois da longa escalada, revivendo o Salmo 23 "o Senhor é meu pastor... e em verdes pastagens me faz repousar".

PHOTO ANTIQUA

1. José de Mello Junqueira (Zé Galé)
2. Francisco Fierro (Chico)
3. Mário Polesi
4. Walmir da Silva Gomes (Miro)
5. Zeferino de Souza Coelho
6. José Luiz Mariano Gomide Ribeiro
7. Ary Joli
8. Luiz Furlaneto (Negão)
9. Guido Chagas
10. Néelson Esteves Sampaio
11. Edmundo da Matta (Bita)



Foto cedida pelo colega Luiz Furlaneto (49/53)

Paróquia das Trovas

Cumpra tua obrigação com retidão e respeito para teres condição de exigir o teu direito.

Alfredo Barbieri (49/53)

ENVIE-NOS VOCÊ TAMBÉM A SUA TROVA



Registro que numa dessas escaladas, que costumavam acontecer no feriado de 15 de novembro, fui homenageado pelos colegas no meu aniversário com um solene "parabéns a você", que ainda ecoa no fundo de minha alma.

De novo, o ECHUS 84 nos traz um convite-desafio para nova excursão ao Saboó. Confesso: eu desisto. À semelhança da canção do "Roupa Nova", posso dizer: "cansei de beber a água limpa da fonte", para manter minha juventude. Contudo, meus sapatos velhos ainda conseguem sedimentar e esquentar o velho sonho de estar, ser e caminhar em busca de um novo horizonte.

Assim, estarei com vocês, escalando o Saboó, através da mente e da imaginação. Afinal, ali está o nosso coração e nosso "umbigo", conforme registra o Quinzinho em seu artigo "Ubi nós, ibi Saboó". Umbigo ou cicatriz de nosso condão umbilical... Ali, enfim, conseguíamos tocar o céu, nos inocentes anos 50, quando ainda não havia essa violência que atingiu São Paulo nos dias 12, 13 e 14 de maio de 2006.

(*) José Wolf, 68, é jornalista em São Paulo-SP - josewolf@ig.com.br

JANTAR 1ª SEXTA-FEIRA



Convidamos nossos amigos a participar do tradicional encontro-jantar da 1ª sexta-feira de todo mês. O local é o *Restaurante Angélica Grill*, Av. Angélica, 430 São Paulo-SP a partir das 19:30. Para quem vai de metrô, fica a 200 metros da Estação Marechal Deodoro e para os que vão de automóvel, a casa oferece estacionamento gratuito. Apareça você também e venha comungar conosco não apenas as lembranças importantes de outrora, mas também, faça desse gesto uma saudável quebra de sua rotina para o cultivo e descoberta de novas amizades, um momento para a expressão de suas novas idéias com pessoas alegres e abertas, num ambiente agradável e sem stress. Faça como os amigos José Luiz Gomide Ribeiro, Alfredo Barbieri, Luiz Corrar, Isidoro da Silva Leite, Paulo Toschi, José Lui, Alberto Casemiro e outros que sempre trazem amigos e familiares para saborear essas horas de descontração e amizade. Miremo-nos do exemplo da querida Sra. Archângela, de 91 anos, mãe de nosso colega Roberto Romero, que neste último encontro de 01 de junho deu-nos a honra de sua entusiasmada presença. Um brinde a ela e a todos nós: *Vivere tota vita descendum est*.

Fluxo Financeiro - Posição até 05/06/2006

POSIÇÃO EM 03.04.2006	7.065,31
ENTRADAS	
Contribuições e doações	1.669,77
Juros	75,17
TOTAL ENTRADAS.....	1.744,94
SAÍDAS	
Postagem Informativo nº 84 + Cartas Doação.....	1.022,15
Impressão Informativo nº 84	700,00
Kalunga nf 285038 e 100593-envelopes.....	25,51
Kalunga nf 671846 e etiquetas.....	104,31
Kalunga nf 107508 cartucho HP.....	62,49
Kalunga nf 101063 papel sulfite, envelope, cartucho.....	119,70
Papelaria Artesco cf 10630-cola	6,40
Fred Solares-Ímãs de geladeira	430,00
Despesas Bancárias.....	51,16
TOTAL SAÍDAS.....	2.521,72
SALDO ATUAL 05.06.2006.....	6.288,53
Tesoureiros: Carlos D. Cosso - Wilson Mosca - Gilberto Lucarts	

QUOT SUNT BIS BINA?

Wilson Mosca (55/57*)

Amigos... éramos amigos de verdade e freqüentávamos um a casa do outro, todos os dias e a todo instante. Nascemos ambos em Salto-SP, no mesmo ano e quase no mesmo dia. Ele, em onze de maio e eu, em dois de junho; poucas horas de diferença. E sempre estávamos juntos... O *Externato Sagrada Família* foi a escola onde na mesma classe fizemos o curso primário.

Éramos os coroinhas da *Paróquia Nossa Senhora do Monte Serrat*, em Salto, e, escondidos, bebemos muito o vinho do pároco, o saudoso Mons. João da Silva Couto. Em época de grandes festividades religiosas, íamos sempre em disparada à casa de Dona Maria Bisan buscar as brasas do turíbulo. Era uma grande farra, pois fazíamos do turíbulo uma pequena roda gigante, girando-o com bastante vigor, para que o braseiro se mantivesse aceso.

A delícia era quando, uma vez por mês, ajudávamos na celebração da Santa Missa no *Buru*, a cinco quilômetros da cidade. Para nós, era o máximo! Era nossa oportunidade de andar de carro, um grande fascínio para nós, pois, no início dos anos 50, quase não os havia na cidade. Quem nos levava era o velho Quaim, motorista de táxi. E também por sentirmos muita honra em sermos os responsáveis pelo preparo de seus ingredientes, como o vinho -sempre levado a mais e as hóstias.



Olhos negros

Versão em português traduzida do inglês, livre-interpretação e reinvenção de OCHI CHERNYE, famosa canção do folclore russo por Tomaz Toledo (59/62)

Olhos Negros, crepitante olhar...
Olhos admiráveis, espumando excitação.
Eu te amo tanto, que de amor estremecei
Naquela hora sinistra... ao te encontrar.

Olhar negro, em chamas, flamejante,
Que me faz sonhar com lugares, assim, distantes:
Terras, onde a paz impera, onde reina o amor,
Campos, onde ninguém semeia a guerra,
É um Paraíso sem sofrimento nem dor.

Olhos Negros, par de olhos cintilantes,
Instigando, transborda um brilho sem par,
O amor é tão profundo que confundo amor com ruína,
Pensando, em vão, num jeito d'escapar.

Por flagrar teus olhos negros que sofro tanto assim.
Sempre sorrindo e feliz eu teria vivido e sonhado,
Se teu neg'olhar não tivesse m'enfeitado.
Ah. . . par de olhos em chamas que me devora.
Enquanto um olhar me atrai para o amor fugaz,
O outro trai com a felicidade levando-a embora.

Negros luzeiros de cismas borbulhando,
Intrigantes, mas ligeiros, penetram meu olhar,
Quem me dera poder fugir deste infortúnio...
Não estremecer de amor, na hora de me entregar.

(*) Tomaz de Aquino Toledo (Tom), 60, é professor de filosofia e de alemão em São Paulo-SP. tomdavid@msn.com

Era o ano de 1953. Chegara o dia de irmos para o Seminário. Naquela ocasião, Salto tinha um contingente enorme de seminaristas: Darci Corazza, Darci Casagrande, José Wolf, José Lázaro Effori, Laerte Vicente, Antônio Marcos de Almeida, Oscar Prandini, Quinzinho, meu irmão Nelcindo, Ênio Tereran, Minguito Lamoglia etc. Nós dois éramos os neófitos, os mascotinhos da turma.



No Seminário de Aparecida, estudamos durante dois anos; no de São Roque, outros três. Sempre na mesma classe. Nossa saída do seminário também não pôde ser de outro modo: juntos. Era dezembro de 1957.

Nos estudos, ele era bem melhor que eu, tirava sempre boas notas, boas classificações e muitas medalhas, enquanto eu era apenas "regular", dava para o gasto. Em compensação, nos esportes eu era melhor; ele era rotulado como "punga".

Lembro-me de uma aula de Latim. No rodapé de um dos capítulos da Gramática Latina, de Ravizza ou de Zenoni, deparamos com a seguinte frase: *Quot sunt bis bina? Bis bina sunt quattuor.* (Quanto são dois vezes dois? Dois vezes dois são quatro.)

Completamente moleques, com nossos treze ou quatorze anos, achamos aquilo a coisa mais engraçada deste mundo. Inventamos uma corruptela e passamos a nos chamar por Bisba e Bisbina. Não me lembro quem era um e quem era o outro. Só sei que era um tal de Bisba daqui e um Bisbina dali, o tempo todo.

Depois da saída do seminário, cada um seguiu seu caminho. Ele foi para Santo André e eu, depois de formado em Campinas, mudei-me para São Paulo. Nunca mais nos encontramos.

Eis que após 40 anos de distância, ficamos frente a frente um do outro. Celebrávamos o III ENCONTRO dos ex-alunos do Seminário de São Roque, 1997. Ao nos vermos, sua primeira reação foi perguntar-me: *Quot sunt bis bina?* E eu de pronto lhe respondi: *Bis bina sunt quattuor!* E nos abraçamos fortemente, conversamos durante horas e reatamos nossa amizade. Sabíamos que esse distanciamento não poderia mais continuar existindo, pois sentíamos muito a falta um do outro; nosso vínculo era eterno. Passamos a nos freqüentar e a mais cuidadosamente cultivar nossa amizade. Conversávamos sempre ao telefone. Ele era administrador de empresas e um brilhante professor numa universidade, voltado para pesquisas, um apaixonado pela ecologia, mas sua saúde era muito frágil, pois graves problemas cardíacos faziam-no estar sempre às voltas com tratamentos, cirurgias e tantas internações, que o fizeram sofrer demais.

Dez de maio último, um dia antes de seu aniversário, ele se foi para a Casa do Pai. Eu aqui fiquei e lamento muito a sua partida, mas tenho certeza que um dia nos reencontraremos junto ao Pai. Meu grande amigo, meu companheiro, meu mui querido irmão de alma, ANTÔNIO JOAQUIM ANDRIETTA.

(*) Wilson Mosca, 64, coordenador geral da Turma do Ibaté, é economista em São Paulo-SP - wmosca@ig.com.br
(Orkut: Wilson Mosca)



Mensagens Recebidas



*Fazer vínculos é viajar no tempo
Em cada estação, um novo apito*

ZEQUINHA (JOSÉ LUIZ BRANT DE CARVALHO - 51/58)

ALBERTO PIMENTA JÚNIOR (Gilmar - 53/58 - São Paulo-SP) - *Consagrado em posição de destaque na sociedade dos melhores goleiros que o Ibaté já teve, junto a imorredouros como Pavão, Dino Zanardo, Sapo, Manga, D'Elboux, Pepe, Sérgio Montini e tantos outros, o veterano Gilmar foi convidado pelo Echus do Ibaté para escrever-nos seu depoimento a respeito da Copa de 1958. Eis sua resposta:* Quero agradecer as elogiosas palavras, que correspondem apenas em parte à verdade, já que os grandes goleiros daquela época eram o **Bitá** (Pe. Edmundo da Matta 49/56), que ainda hoje joga futebol com seus paroquianos e o **Attilio Brunacci** (49/53). Entretanto, estou declinando do convite para criar texto que venha compor o nosso *Echus*. Em primeiro lugar, embora advogado, não tenho tanta bossa ou queda para escritor, limitando-me a elaborar peças processuais. Em segundo lugar, quero dizer-lhes que, por ter deixado o Seminário do Ibaté em 1958, antes do início da copa mundial de futebol daquele ano, infelizmente não posso tecer comentários de como ela lá se desenvolveu. Lembro-me, porém, de um fato pitoresco que envolveu o capitão e "back" de meu time, **José Luiz Brant de Carvalho** (51/56), o Taubaté, e o time adversário, no qual jogava o Padre Vieira, hoje **Dom Francisco Manuel Vieira**. Como se tratava de um jogo de campeonato, havia um juiz, colega nosso, que, devido a sua atuação, sempre pendia para o time do padre. O fato de não podermos reclamar deixava-nos muito irritados. E como vocês certamente se recordam, as vacas pastavam próximas ao campo de futebol e, vez por outra, nele adentravam, deixando pelo gramado suas grandes "marcas" amarronzadas, de consistência razoavelmente mole. (Notem que "marca" também começa com "M"). Daí, surgiu uma idéia para demonstrar nossa insatisfação com a arbitragem, isto é, bater um tiro de meta posicionando a bola em cima do monte da vaca. (Novamente, notem que "monte" também se escreve com "M"). A idéia foi posta em prática: como goleiro, coloquei a bola em cima do "monte". O Brant bateu o tiro de meta. E ele chutava forte! Mandou para os ares tanto a bola quanto aquele monte, atingindo quem por perto estava. Evidentemente, tanto eu quanto o Brant fomos repreendidos imediatamente pelo Padre Vieira, que, embora não sendo o juiz, nos expulsou de campo, e, mais tarde, pelo Padre Constantino (e aí foi brabo!). Mas valeu: a vingança foi perfeita. Ainda hoje dou muita risada quando me recordo do fato e teço comentários com alguém, o que certamente acontece com algum colega que tenha participado daquele jogo. Lembro-me com saudade das broncas carinhosas e construtivas do saudoso Dom Constantino, e até das caneladas do Dom Vieira. Se fosse hoje, Dom Vieira, certamente, estaria escalado na seleção d'além mar do Luiz Felipe Scolari: jogava muito bem e olhem que nem a batina o atrapalha! Abraços a todos os ibateanos. alberto@pimenta.adv.br

ANTÔNIO CARLOS DE FREITAS (60/63 - Cachoeiro de Itapemirim-ES) - Amigos, já lhes enviei, anteriormente, uma mensagem manifestando toda minha satisfação quanto à retomada do contato com nosso Seminário e seus ex-alunos. Foi muito grande minha emoção, quando recebi a ligação do Símons e quase não acreditei no que estava ouvindo. Tenho muitas saudades dos bons tempos passados no Seminário e a convicção absoluta de que foram aqueles anos que formaram minha personalidade e minha história de vida. Após aquele contato, tenho programado, várias vezes, uma visita ao jantar mensal e até à excursão anual ao Seminário, porém não o tenho conseguido. Moro há muitos anos em Cachoeiro de Itapemirim-ES, onde, atualmente, sou Diretor de uma Usina de Açúcar e Alcool. Casado há 35 anos, tenho 3 filhos, graças a Deus todos já formados e com a vida resolvida (inclusive 2 deles casam-se neste ano de 2006 e o outro dirige uma empresa em Miami, nos EUA). Tenho certeza de que vou conseguir participar desses encontros futuros e ter o prazer de reencontrar os companheiros. Deus abençoe a todos. freitas@usinapaineiras.com.br

ANTONIO IVO PEZZOTTI (ex-aluno do Seminário de Bom Jesus de Pirapora, turma de 1943 - S.Paulo-SP) - Caríssimo Correa, desculpe-me pela demora. Faz tempo que desejava agradecer-lo, mas sempre deixava tudo para amanhã, mas o amanhã tinha sido ontem... Por certo você vai perdoar-me. Posso, todavia, explicar e justificar a mencionada demora. Após uma cirurgia, o diagnóstico foi um câncer no intestino. Graças às orações de dezenas de freiras e de amigos ex-seminaristas e muitos conhecidos, Deus resolveu ouvi-los, e os quimioterápicos estão produzindo os efeitos positivos. A sua nímia gentileza em enviar-me o *Echus do Ibaté*, parece incrível, tem ajudado até na minha recuperação. Cada vez que eu o leio, encontro-me comigo mesmo! Revejo o meu saudoso Seminário de Pirapora onde durante 6 anos, de 1943 a 1948, vivi num mundo que só existia para nós, os seminaristas. Onde a verda-

de era verdadeira, onde o futuro era o presente, onde eu desfrutava um cenário em que o canto do sabiá cantava na voz do silêncio. Aqueles recreios, agora tristes e vazios, assistiram o término feliz da minha infância e os primórdios da minha juventude, que não volta mais! Como quase todos os professores-padres de São Roque foram ex-alunos de Pirapora, conservaram as mesmas tradições, inclusive, as matérias ministradas, as orações, a banda, as festas de palco, etc., sinto-me hoje, também, um privilegiado ex-aluno de São Roque. Aliás, esse elo, para minha felicidade, continua por escrito nas várias, cultas e confortadoras cartas que tenho recebido do dileto amigo **Antonio Jurandyr Amadi**, ex-aluno de ambos seminários. Reiterando os meus agradecimentos, receba um grande amplexo "ex immo cordis" do amigo. (11) 3032.9459.

DANIELA ANDRIETTA - Gostaria de comunicar que **Antônio Joaquim Andrietta** faleceu hoje, dia 10.05.2006, às 11:45, no Incor-SP, com infecção generalizada. dani.a@pop.com.br

EUCLIDES ALBINO DOS SANTOS (53/59 - Rancheira-SP) - O caso é que comprovo com recibo minha contribuição a essa iniciativa de encontros e idéias vivas e vívidas reunidas num mesmo tempo ou num mesmo local: Ibaté, o seminário da Mãe. Há um silêncio. Ausência de comunicação quebrada pelo *Echus*, e só. Até parece indiferença, mas dentro no âmago do silêncio, está a presença e a paz de um tempo feliz em partilha. Ainda há cinzas a fumegarem desejos de encontros talvez proibidos pelo desgaste do tempo ou pelo longe da distância. Mas em tudo há amor que nos congrega aqui e lá e sempre na mente do Pai. Abraços.

GETULINO DO ESPÍRITO SANTO MACIEL (Geta - 1957/60 Lorena-SP) - Prezado Mosca. Obrigado pela gentileza. "Pax tibi". Difícil nossa saída de Lorena em virtude de cursos preparatórios de concursos públicos que ministramos na área jurídica e que se dão aos sábados. Bom passeio no Sabão. Sebo nas canela... e vamo que vamo! Fraternal abraço. louget@uol.com.br

JOÃO AGUIAR (Johnny 67/70 S.Paulo-SP) - Tenho uma série de escritos sobre o ano em que estudei e vivi com muita intensidade no Ibaté, 1970. Meu diário serviu-me como um guia para elaboração de muitas outras reflexões que estou tentando sistematizar em algum texto, uma vez há muitas anotações, algumas até sigilosas, em virtude de eu ter enviado ao Vaticano, quando padre em 1980/83, um total de 480 páginas que havia retirado desse mesmo diário que produzi de 1967, ano em que ingressei no seminário dos Paulinos, até minha saída do sacerdócio, em 1983. Não sei se terei fôlego para tanto. Uma vez que moro no mato, qualquer contato pode ser feito com o **Paçoca** ou com o **Pe. Sabé**, meus confessores. Cel.(11) 9712.9364. joaoaguiar@uniso.br

JOAQUIM BARBOSA DE OLIVEIRA (49/55 - Também estudou em Pirapora, turma de 1948 - S.Paulo-SP) - Que pena! Tenho a impressão de que **Edgard Sussumu Eguchi** nunca participou de nossos encontros e, por isso, não pudemos revê-lo. Ele foi o encarregado da farmácia no nosso tempo e dirigiu a ginástica matutina coletiva, adotando alguns exercícios que foram repetidos por muito tempo. Confesso que, até hoje, ainda faço certos exercícios que ele ensinou. Que esteja em paz. Abraços a todos os ibateanos. www.jboadvocacia.com.br - joaquim@jboadvocacia.com.br

JOSÉ ANTÔNIO NETO (59/64 - Charlotte-NC - USA) - Caro amigo Wilson Mosca, muito obrigado por ter se lembrado desta data memorável (30/05). Fiquei muito feliz e agradeço a você e a todos os amigos ibateanos pelas felicitações. Peco desculpas por não ter respondido antes. Agora também tenho uma notícia muito agradável: estou indo para Londres 2a feira, 12 de junho visitar meu amigo de universidade e companheiro de equipe de futebol quando estudava in The Catholic University of America in Washington, D.C. Ele mora lá. Sou padrinho de um dos seus filhos. De lá vamos para Frankfurt e talvez vamos assistir a um jogo da Copa si tivermos sorte: ou USA vs Italy, ou Brasil vs Austrália in Munich on the 18 of June ou ainda Portugal vs Iran on the 17. Isso porque é muito difícil conseguir bilhetes. Vamos torcer todos juntos e conseguir uma corrente bastante grande de energia bem positiva para que o Brasil consiga o HEXA. Volto para os States on June 28 e por isso estou pospondo a minha viagem para o Brasil. Talvez vá no fim de julho ou começo de agosto. Um abraço a você e a todos os amigos do Ibaté. P.S. Muito obrigado pelo envio do *Echus*. Estou sempre relembroando as grandes memórias do nosso passado e conhecendo muitas outras. Toda a diretoria e organização do *Echus* e das reuniões estão de parabéns. Sem vocês não poderíamos compartilhar das nossas alegrias e também das nossas tristezas

que fizeram parte do nosso crescimento físico, intelectual e espiritual e que agora fazem parte de toda essa grande família ibateana. Congratulations once more!!! jneto50@hotmail.com

JOSÉ GERALDO LICHERI (51/52 - S.Paulo-SP) - Caros amigos, venho agradecer à equipe pela remessa do *Echus do Ibaté*, sendo, portanto, lembrado por vocês, mesmo não podendo participar dos encontros. Convivi um período com a turma, freqüentando os jantares, o futebol, o coral (que saudades!), enfim, foram dias de muita alegria e felicidade, mas infelizmente tive minha saúde abalada, esse o motivo de não estar participando das reuniões, mas espero, com a ajuda de Deus, um dia reencontrar o pessoal. Aproveite para deixar meu telefone (11) 3022.5621. Àqueles da minha época do Seminário, que revê, e a outros que vim a conhecer e que se lembram de mim, desejo muita paz e saúde. Um grande abraço a todos. moreiralicheri@uol.com.br (Orkut: Luiz Ricardo Licheri)

JOSÉ LAÉRCIO GHIDINI (60/61 - Americana-SP) - Agradeço o convite para a escalada do Monte Saboó, mas não me será possível essa arriscada aventura, digna de um *Indiana Jones*, pois me encontro nos USA, na casa de meu filho. Recordo muito bem da 1ª. escalada, lá pelos idos anos de 1961, os veteranos, valentemente, iam a frente do comboio, cortando todos os arbustos que pudessem ferir alguém, e ainda vasculhando o mato à procura de alguma serpente venenosa. Com muito esforço, suor e alguns arranhões, conseguimos o feito. Compensou o sacrifício. A paisagem é simplesmente maravilhosa. Para descer, todo santo ajuda; foi tudo muito rapidinho, pois nossos estômagos já roncavam. O caminho do **Luizão** estava a nossa espera. Comíamos como se estivéssemos de jejum muito tempo. Na próxima vez, garanto, estarei presente ao evento. Um abraço. joseghidini@yahoo.com

LEILA TERRA - 11.05.2006 - Meu nome é Leila e sou esposa do filho do Sr **Edgar Sussumo Eguchi**. Infelizmente venho informar que o Sr. Sussumo Eguchi faleceu dia 08/01/06, por falência múltipla dos órgãos. Grata pela atenção - leilaterra@yahoo.com.br

LOURENÇO MEDEIROS FERNANDES (Perereca - 49 - também é ex-aluno de Pirapora, turma de 1947 - S.Paulo) - *O Perereca não pôde participar da excursão ao Saboó, mas em sua casa fez um ritual imaginativo e mandou-nos esta mensagem:* Aqui em S.Paulo, a cidade que mais cresce no mundo, hoje, pela manhã, o sol já estava nos aquecendo com o esplendor de seus raios. Pensei comigo mesmo que também, certamente, o sol está ajudando os alpinistas a galgarem o cume do inesquecível Saboó! Que alegria, que euforia, creio eu, a subida com aqueles companheiros! Soube que o dos primeiro a galgar o cume foi o João Bosco, sobrinho de D. Constantino Amstalden, seguido pelo Careca, Manga, Mosca e demais. O número total chegou a mais de 30. Sendo que uns 15 devem ter ficado lá no Pesqueiro D.Bosco saboreando petiscos, caipirinhas ... até o retorno dos alpinistas, que devem ter chegado exaustos e com muito apetite. E sei que alguns usaram bengalas para subir ... Em meu almoço, também fiquei petiscando e com uma saborosa cervejinha. Acredito que tudo deva ter saído nos conformes, com muita alegria e a participação de todos. Quero parabenizar todos pela união, mandando aquele abraço carinhoso e desejando que sempre estejam presentes todos os ex-seminaristas do Ibaté e de Pirapora. eduardo.of@ig.com.br

MILTON GAMES ROBLES (Mexicano 60/62 - S.Paulo-SP) - Amigos, venho acompanhando os textos publicados de nosso colega ibateano, **Eduardo Lima**, o famoso "Baiano", não só por termos sido contemporâneos, mas, sobretudo, por ele descrever fatos, emoções e sentimentos, os quais eu também vivi. Ele me fez recordar do episódio de um livro, tomado pelo Diretor Espiritual, que felizmente já havia lido por inteiro, e que, depois de minha saída do Seminário, vim a ganhar um exemplar similar. Mas o mais importante é acompanhar os relatos do amigo Eduardo, que me dizem muito e lembrar-me de quando eu via esse amigo de espada em punho e de elmo na cabeça, correndo pelo seminário, seguido de seus guerreiros, a lutar contra um inimigo, inspirado que estava em nossas leituras. Posso dizer ao Eduardo, e testemunhar aos demais colegas, como aquelas leituras tiveram papel preponderante na minha educação e no meu futuro! Não só por terem me conduzido para o caminho das Letras, mas por terem despertado em mim uma natural aptidão, que desconhecia. Além das *Letras*, meus passos tomaram um rumo bem distinto, acabando por me tornar um profissional de Auditoria. E como? A origem estava no gosto e na atração pelas histórias de Conan Doyle e seu personagem mais ilustre, Sherlock Holmes. Não pensem que é uma piada, não. É muito sério, pois foi através dessas leituras que aprendi a treinar meu raciocínio e minha mente nos métodos dedutivos e indutivos. E mais tarde, aperfeiçoei essa metodologia, por intermédio de cursos e treinamentos específicos que me permitiram transformar aquela imaginação dedutiva e indutiva, baseadas naqueles contos, em um suporte fundamental para meu trabalho de auditor. Bem, é apenas um testemunho de um momento que partilhamos no Seminário, e que agora estou compartilhando com meus Colegas, graças a essa gostosa catarse que as *Leituras* do amigo "Baiano" vêm nos proporcionando. Um grande abraço. milrober@uol.com.br

PAULO TOSCHI (49/53 - São Paulo-SP) - Recebemos hoje a notícia de que o **Edgard Sussumu Eguchi** faleceu em janeiro deste ano. Tinha 76 anos. Para quem não o conheceu, cabe ressaltar que o Edgard não era um simples aluno do Seminário de São Roque. Foi o primeiro professor de ginástica e o primeiro enfermeiro. Logo cedo, após a missa, quando descíamos para o refeitório, para o café da manhã, fazíamos uma parada no recreio, de terno mesmo, e o Edgard tomava a dianteira, dirigindo os exercícios de ginástica suca de que o Padre Constantino não abria mão. No começo, quem dava os exercícios era o Padre Ministro, que delegou ao Edgard essa função. Mas ele se notabilizou como enfermeiro. Lembro-me da gripe coreana que assolou o Ibaté, derrubando muitos alunos. Improvisou-se uma enfermaria, nos dois primeiros quartos do corredor dos padres, e nós, os gripados, ficamos isolados da comunidade. O remédio era a penicilina. Naquele tempo, tinha que ser aplicada a cada duas horas, por injeção, dia e noite. O Edgard foi de uma abnegação extrema. Passou muitos dias praticamente sem dormir, cuidando carinhosamente dos colegas. O Padre Constantino não permitia que as injeções fossem aplicadas nas nádegas, tinha que ser no braço. Lembro-me que o meu ficou cheio de furinhos, parecendo o fundo de um coador de chá. Tanto o Edgard se esforçou que acabou sucumbindo e adoeceu também, para desconforto de todos nós, que ficamos nas mãos de um enfermeiro não tão habilitado. Fica aqui o nosso reconhecimento pelo muito que o Edgard fez por todos nós. Deus, com certeza, já o recompensou. E, do céu, não resta dúvida, ele estará olhando pelos seus colegas e amigos que pranteiam a sua morte. Deus o tenha, Edgard. paulo.toschi@uol.com.br (Orkut: Paulo Toschi)

ROCCO ANTÔNIO EVANGELISTA (59/63 - S.Paulo-SP) - Caro Wilson, a subida ao Saboó é o segundo encontro mais esperado, mas, por motivo de saúde, neste ano, não poderei participar. Estou há quinze dias com hepatite B, violenta, e o médico pediu-me repouso absoluto. Não saio de casa nem para comprar jornal. É repouso mesmo. Desejo aos amigos uma ótima escalada; que nada de grave ocorra e, por favor, mandem as fotos digitais que vocês conseguirem dos amigos. Mais uma vez, avante e feliz escalada a todos. Não é necessário dizer que em junho não participarei do nosso jantar da 1ª sexta-feira. Um abraço. rantonio@terra.com.br

SEBASTIÃO DESTEFANI REGHIN (54/58 - S.Paulo-SP) - O Saboó me traz tantas reminiscências, momentos agradáveis de outrora. Fico perdido no tempo, só a contemplá-los. Como me sentiria feliz nesta arriscada aventura do século! Infelizmente, neste dia, tenho compromisso inadiável. Não sei por que a gente tem tantos compromissos. Estarei com vocês em espírito. Procurem me ver quando estiverem subindo; não, quando descendo. **De vez em quando, costume aparecer para as pessoas.** Avise para quem me vir não ficar com medo. Ainda estou vivo, principalmente agora, mais vivo que nunca! Abraços a todos os aventureiros. Marquem outra subida e lá estarei. hipnose@sti.com.br

NA CASA DO PAI

Informamos com pesar o falecimento dos colegas e amigos:

• **EDGARD SUSSUMU EGUCHI (JAPÃO)** - 1949/54 - em 08.01.2006, aos 76 anos, em São Paulo-SP. Homem extremamente dedicado e atencioso, foi o primeiro enfermeiro e o primeiro condicionador físico de nossa Turma. Deixa esposa e cinco filhos.

• **ADAYR GUARNIERI** - 1950/55 - em 08.05.2006, aos 69 anos, em Itu-SP. Um dos maiores jogadores de futebol que passou pelo seminário, grande entusiasta e organizador que era. Aposentado do Banco do Brasil, onde trabalhou por 28 anos, deixa esposa, três filhos, quatro netas e muitas saudades.

• **ANTÔNIO JOAQUIM ANDRIETTA** - 1955/57 - em 10.05.2006, aos 64 anos, em S.Paulo-SP. Professor Universitário no IMESC de S.Caetano do Sul. Deixa esposa e 4 filhos.

• **DALTON CARAM, CÔN.** - em 06.06.2006, aos 66 anos, Pároco da Paróquia N.Sra. da Expectação - Freguesia do Ó - SP - amigo de tantos nos velhos tempos de Seminário Central do Ipiranga.

Aos familiares e amigos, as condolências de todos os ex-alunos do antigo Seminário Menor de São Roque.

LEITURAS (4)

Eduardo Lima (59/63*)



*"Quando ela apareceu no escuro do horizonte
A cabeleira revolta... a palidez na frente...
Aos ventos sacudindo o rubro pavilhão..."*

Quarenta e tantos anos depois, cito de memória os versos iniciais do poema. Mas foi necessária uma pequena pesquisa para saber o seu nome e autor. "Terribilis Dea", de Pedro Luis. Certamente eu o decorei para recitar em alguma sessão do Grêmio ou do Círculo Literários. Lido hoje, é um poema inacreditável. Por falta de espaço não posso reproduzi-lo aqui, mas aconselho os interessados a que o releiam, vale a pena. Não fazendo a menor questão de sentido (não tem), revela-se como uma saudação à deusa da guerra. Qualquer guerra, visando a qualquer finalidade. Em certo momento, entre outras hecatombes, há referência à guerra do Paraguai com o fito de se homenagear o nosso herói local. Mas preferencialmente é tudo indiretamente enunciado, de maneira a se sobressaírem, na forma, o tumulto e o estardalhaço das batalhas. Retórico, grandiloquente e vazio, o poema abusa da hipérbole, da antítese e da apóstrofe. (O Monty Python ia adorar.) Construído com palavras sonoras e brilhantes, no sentido em que a lantejoulas é brilhante, e repleto de "efeitos especiais" resume-se a um texto para ser declamado em salão e obter o êxito desejado com suas luzes e sons.

O contato que tive com a poesia, no seminário, foi através dos textos que acompanhavam os exercícios dos nossos livros didáticos. Textos como o acima citado, colhidos a esmo e que recheavam os compêndios escolares de então. Não me lembro de nenhum que fosse posterior ao parnasianismo. Em 1963, quando terminei o ginásio, não tinha a menor notícia dos movimentos que desde o final do século XIX modificaram tão radicalmente a arte no século XX. O modernismo brasileiro era simplesmente ignorado.

Em compensação, os autores dos livros didáticos tinham acentuada queda pelos românticos. Principalmente por aquele tipo de poema que Goethe chamava ironicamente de "poesia de hospital", referindo-se aos europeus que a praticavam. No nosso caso: Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e outros mestres do devaneio eroticamente sutil, da melancolia, dos cantos de amor e morte. Ou pelos românticos "épicos" como Gonçalves Dias e Castro Alves, que eram os preferidos para serem declamados nos nossos saraus literários.

*"Em meio das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos - cobertos de flores
Alteiam-se os tetos d'altiva nação."*

*"Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu te escondes
Embuçado nos céus?"*

Poetas muito considerados, os parnasianos. Eram os modernos, falavam a nossa linguagem. Ainda me lembro de Olavo Bilac e de Raimundo Correia:

*"Meu filho termina o dia,
A primeira estrela brilha
Procura a tua cartilha
E reza a Ave Maria."*

*"Vai-se a primeira pomba despertada
Vai-se outra ..., mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada..."*

(Haroldo de Campos considera este último verso um dos mais bonitos de toda a literatura brasileira.)

Enfim, nesse contexto, não é de admirar que quarenta e três anos após a realização do movimento que culminou com a **Semana de Arte Moderna** de 1922, eu tenha saído do Seminário de São Roque com uma idéia pessoal de poesia que assim posso explicitar: "poesia é a tarefa de arrumar as palavras de uma forma que possam produzir um som agradável e uma sugestão vaga e/ou ambígua e/ou grandiosa, carregada de imagens e metáforas difusas e comoventes". É claro que não diria exatamente com estas palavras, não poderia, mas inequivocamente o sentido seria este.

Foi no colegial, em 1964, o meu primeiro contato com a arte moderna. Se levamos em conta que **Mallarmé** de certa forma disse tudo que havia para dizer sobre poesia, ainda no século XIX, peguei o trem com atraso considerável. De qualquer forma foi um poema do **Carlos Drummond de Andrade** que apareceu no meio do meu caminho. Um objeto não identificado que me atraía fortemente, apenas pela sua presença, pela sua forma de ser.

Não entendi nada quando o li pela primeira vez, mas gostava muito dele. O "Poema de Sete Faces" exercia sobre mim uma estranha fascinação. Foi necessário algum tempo de convivência para que eu me reconhecesse em cada uma das suas sete faces. E foi necessário um tempo muito maior para que eu compreendesse finalmente que **gostar é apenas o modo mais que perfeito de conjugar o verbo entender em toda a sua plenitude.**

(*) Eduardo Santos Lima, 59, é professor de Literatura Brasileira em São Paulo-SP - eeduardolima@uol.com.br

Agradecimentos

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 04/04/2006 a 05/06/2006 dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Júnior, Araldo José Razera Papa, Eduardo Pires D'Elboux, Euclides Albino dos Santos, Francisco de Almeida Ferreira, Francisco Fierro, Gilberto Cianfloni Lucarts, Henrique Duarte Euzébio, Hermógenes de Oliveira, José Écio Pereira da Costa Júnior, José Fernandes da Silva, José Justo da Silva, Côn. Laerte Vieira da Cunha, Luiz João Corrar, Roberto Olímpio de Abreu e Wilson Mosca. Acusamos também o recebimento de cinco depósitos não identificados. Solicitamos que todos nos enviem os comprovantes de depósitos para podermos melhor controlar as contribuições, a menos que queiram fazê-las anonimamente.

Aproveitamos a oportunidade para informar a todos nossos leitores que o *Echus do Ibaté* iniciou recentemente a **campanha permanente de arrecadação de recursos**: cada um dos membros da *Turma do Ibaté* receberá em sua casa uma correspondência cuja finalidade é estimular, conscientizar e fazer lembrar a importância da contribuição financeira para a manutenção e existência de nosso informativo.

O futebol nos seminários de Pirapora e do Ipiranga

ANTÔNIO IVO PEZZOTTI (Pirapora-43) - convidado especial (*)



Hoje, passados tantos anos, posso afirmar-lhes: fui para o seminário de oferecido; Deus não me chamou!

Aluno irrequieto, indisciplinado, comecei a melhorar o meu comportamento quando foi permitido o jogo de futebol no seminário. **D. José Gaspar, então arcebispo de São Paulo, o havia proibido nos seminários da arquidiocese.**

A notícia da permissão veio no ano de 1944, pelos pés do **Cônego Oto van der Burgt**. Ele chegou silencioso no recreio e chutou para o alto a bola. Os alunos, menores, grandes e maiores, quebrando a férrea disciplina, juntaram-se todos pulando de alegria, batendo palmas e dando vivas ao Cônego Oto e à bola. Ela se transformou no sonho que eu sonhava, na lua redonda que teimava em aparecer nas janelas do dormitório. Daquele dia em diante, embora sofrendo a dor incurável da saudade dos meus pais, da minha casa, da minha rua, considerando-me um prisioneiro voluntário, pois privado da liberdade de ir e vir, e ostentando o nº. 129 nas calças, nas meias e na cueca, resolvi continuar no seminário, enquanto houvesse futebol.

Desculpem-me a falta de modéstia, mas confesso ter sido um grande goleiro. Cônego Otto, que tanto se impressionava com minhas arrojadas defesas no gol, certa vez me chamou e disse: "Ivo, você não tem vocação para o sacerdócio, mas sim para goleiro. Vou falar com o Roberto Gomes Pedrosa para você jogar no São Paulo Futebol Clube". Para minha tristeza, acho que o cônego não encontrou o presidente do São Paulo. Até hoje, embora tenham se passado quase sessenta anos, estou aguardando a resposta...

Na verdade, minha paixão pelo futebol era tamanha, que fazia questão de defender pênaltis mesmo quando não tivesse havido falta na área!

O jogo de futebol despertou nossa imaginação de jovens. Organizávamos campeonatos que se iniciavam e terminavam nos finais dos dois semestres do ano letivo. Chegamos a escalar até uma seleção para enfrentar os times de outros seminários. A propósito, lembro-me agora que nenhum time do seminário desejava o colega **Parnaíba (Antônio de Oliveira Leite)** como seu integrante, pois ele, com sua 'chuteira amarela' chutava a bola para qualquer lado, inclusive contra o gol de seu próprio time!

Recordo-me, também, que o reitor do seminário não permitia o uso de calções para jogar bola. Com o passar do tempo, cada um de nós, os jogadores, íamos de maneira sorrateira cortando vagarosamente as calças compridas até que virassem calças curtas.

É oportuno lembrar que a bola de câmara daquela época era de capotão, da cor natural do couro e não possuía válvula, mas um pingolim, que era introduzido no seu interior depois de cheia. Com frequência, devido aos fortes chutes, as bolas se rompiam e eram costuradas e remendadas grosseiramente.

Todos sabem que na arte do futebol, as bolas oficiais sempre foram de cor marrom e de válvulas, posteriormente é que se chegou à conclusão que deveriam ser obrigatoriamente de cor branca, pois ofereciam maior visão aos jogadores e torcedores. Justamente agora, com a Copa do Mundo, não sei quem foi o **marqueteiro** que teve a infeliz idéia de colorir e transformá-las em objetos de propaganda. Espero que a FIFA proíba essas pinturas futuristas. Afinal, a bola é só um meio; ela é cheia por si mesma e não há necessidade de acrescentar mais nada!

Não resta dúvida que o jogo de futebol conseguiu pôr um freio em minha contumaz rebeldia. Tornei-me disciplinado. Como conseqüência, fui designado **professor de educação física**, fui escolhido para desempenhar no palco os papéis principais nos dramas e comédias e também nomeado fiscal do dormitório.

Concluído o sexto ano, em 1948, dei adeus ao seminário de Pirapora. Lá ficaram os restos de minha infância e as primícias da minha feliz juventude. Em cada retorno ao Seminário de Pirapora, que agora vive em completo silêncio, eu consigo encontrar-me comigo. Os abnegados professores, cônegos premonstratenses, haviam deixado sua pátria e se dedicaram integralmente ao ensino e formação dos seminários, dividindo com eles a vasta cultura trazida da Europa.

No Seminário Central do Ipiranga, no meio de tantos alunos, comecei a sentir-me só. A batina preta e o colarinho no pescoço deram-me a impressão que iria me afogar. Sentia saudades das montanhas azuis de Pirapora e cheguei a ter saudades do silencioso rio Tietê, que me acompanhava nos passeios das quintas-feiras. Novamente o futebol, embora naquela ocasião só jogado com a mão, foi o meu salva-vida. Fui escalado como goleiro dos filósofos! Depois de um ano,



EM PÉ (7): CÔN. OTO VAN DER BURGT (falec) - CONSTANTINO BENTO JR. - NÃO IDENTIF. - ANTÔNIO IVO PEZZOTTI - CARLOS DI PIERE - PAULO ANTONINO MASCARENHAS ROXO - ATÍLIO BIAZZI - AGACHADOS (5): LUIZ GONZAGA DO CARMO (falec) - JOSÉ MOURA FERREIRA - JOÃO DE ARRUDA OLIVEIRA - DOMINGOS BOTTARO - JOSÉ MANOEL CURRALO (falec)

o reitor, **Mons. Vicente Zioni**, designou-me professor de educação física dos filósofos.

Ciente de que não seria padre, posso hoje lhes confessar: permaneci 11 anos nos seminários graças ao futebol, ao teatro, à banda musical, em que tocava trombone, às ginásticas que eu ministrava e às deliciosas férias de Itanhaém!

No segundo ano de Teologia, um véu de tristeza caiu sobre mim. No mês de novembro de 1953, deixei de jogar futebol e deixei o Seminário Central do Ipiranga.

(*) *Antônio Ivo Pezzotti, 77, advogado em S. Paulo, é ex-aluno do Seminário de Pirapora do Bom Jesus, turma de 1943 - (11) 3032.9459*

Echus conta uma história aos leitores: Desde 1979, os ex-alunos do Seminário Menor Metropolitano de Pirapora do Bom Jesus cultivaram seus encontros anualmente, motivados por sua eterna amizade. Foi em 2003 que, após muitas deliberações, não encontraram outra saída que não o encerramento de suas atividades devido a incontornáveis circunstâncias. Sempre, e por várias razões, houve muita afinidade entre essas duas turmas, Ibaté e Pirapora. A primeira delas é o fato de quase 100% de nossos mestres terem sido alunos daquele seminário, quer dizer, somos herdeiros de toda sua estrutura de funcionamento; exatamente 70 alunos de São Roque também foram alunos de Pirapora. Temos e cultivamos muitas amizades com os piraporanos. E não nos esqueçamos que a idéia-semente de reunirmos todos os ex-alunos do Ibaté nasceu dentro desses históricos encontros em Pirapora, em 1992. Pirapora sempre foi a referência maior de São Roque. É por isso que temos hoje as portas totalmente abertas a todos os membros dessa veterana Turma cuja presença em nossos encontros e neste poderoso rotativo sempre será muito bem vinda. *Ibateani Piraporanos Salutant!*

Éramos três os goleiros

José Gonçalves da Silva Filho (60/63*)



Macuco, Zezinho e Nirtão - Set/2005

Sempre que recebo o *Echus do Ibaté*, além de deliciar-me com sua leitura, de saber como andam atualmente os amigos daqueles tempos e as histórias que contam, penso que tudo o que vivi no seminário, queira ou não, faz parte de mim e muitas vezes passo dias recordando com saudades as experiências que tive lá. Mas desta vez, resolvi dar uma olhada numa caixa que tenho em casa, cheias de lembranças, papeizinhos e fotografias da família. Eu sabia que ali eu encontraria uma agendinha, em que ia anotando, dia a dia, os vários acontecimentos. Uma espécie de diário, com aquelas letrinhas.

Encontrei um monte de anotações feitas em 1962, o glorioso ano em que o Brasil conquistou o título de Bi-campeão mundial de futebol. Nessa época, eu tinha onze para doze anos e, fanáticos como éramos, não podíamos deixar de acompanhar qualquer jogo. Ainda mais os da Copa.

Lembro-me que os jogos eram à tarde ou no início da noite. E na agenda estão anotados os resultados: Brasil 2 x México 0 no dia 30 de maio, Brasil 0 x Checoslováquia 0 no dia 2 de junho, Brasil 2 x Espanha 1, no dia 6 de junho, Brasil 3 x Inglaterra 1, no dia 10 de junho, Brasil 4 x Chile 2, em 13 de junho. E a grande final, com a vitória de 3 a 2 para o Brasil contra a Checoslováquia. Foi num domingo, dia 17 de junho.

Ouvíamos tudo pelo rádio, um aparelho enorme, daqueles bem antigos, colocado numa janela e voltado para o pátio junto à quadra de vôlei dos *médios*. Sintonizado na Rádio Panamericana, que hoje é a Jovem Pan, tinha o Fiori Giglioti como locutor. Nossa torcida era muito grande e barulhenta, com uma alegria contagiante... E ao término de cada jogo, todos saíamos pulando e gritando: "Brasil, Brasil, Brasil!!".

Desde criança, por ser muito ruim de bola, eu sempre dava um jeito de jogar no gol. E, em 1960, no seminário, não era diferente. Fazendo parte da turma dos menores, a São Domingos, quando minha equipe não participava de campeonatos no *campão*, eu era goleiro da plebe. Aos poucos eu aprendia e me aperfeiçoava, sempre em treinamento. Passei pela turma dos médios, São Luiz, e depois dos grandes, a São José. Foi então que passei a ser escolhido para jogar "oficialmente".

Para quem não se lembra, era no início do ano, quando voltávamos das férias, que formávamos as equipes para o campeonato interno de futebol. Os times não tinham goleiros e então, antes do início de cada jogo, os capitães tiravam a sorte para a escolha. Éramos três os goleiros: **Nirtão** (Edmur Bento de Figueiredo), o **Macuco** (Luiz de Almeida Lopes Filho) e o **Zezinho**, que sou eu. A disputa pela posição de melhor goleiro era acirrada, e sempre sobrava um, triste porque não era escolhido.

Durante o ano, além de nosso campeonato interno, disputávamos com outras equipes visitantes. E, conforme anotado

nesta pequena agenda, relembro agora tão honrosos resultados: 19 de agosto, contra os Congregados Marianos: ganhamos de 3 a 1; 23 de setembro contra um time do Ibaté: dois jogos só com empate de 0X0 e 1X1; 30 de setembro, contra os jovens da Paróquia São João Batista: ganhamos de 4 a 0; 15 de outubro, na festa dos professores aconteceram os nossos jogos olímpicos (eu participava da equipe do Neto); 21 de outubro, jogo contra "São João Climaco": perdemos de 3 a 0; 5 de novembro, na festa de São Domingos, os resultados foram: São José 3 x São Luiz 1 e São Luiz 1 x São Domingos 1 e em 15 de novembro, num daqueles memoráveis passeios na Fazenda do Sr. Augusto, ganhamos os dois jogos de 2x0 e 3x2.

No ano de 1963, dia 10 de março, jogamos duas vezes contra os Congregados Marianos da Paróquia do Padre Vieira e ganhamos o 2º de 4x0 e o 1º de 6 a 2. Jogaram no primeiro quadro: Nirtão, Pedro Drago, Felipe Campione, Francisco Fanchini, Cruz, Mané, Paulo Bruna, José Francimar, Antônio Martini, Ely Conde, José de Oliveira Batista e José Carlos Bochini. Gols de Bochini (4), Fanchini (1) e Batista (1).

Bons tempos aqueles! A vida no seminário deixou-me muitas lembranças. Essas coisas boas eu queria mesmo compartilhar com todos vocês para reavivar a memória e renovar o espírito. Um grande abraço a todos.

(* José Gonçalves da Silva Filho, 60, o Zezinho, é agrimensor em S. José dos Campos e S. Paulo-SP - jg.sf@ig.com.br

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação bimestral dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Minor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté - São Roque - SP - Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri - Antônio Ivo Pezzotti - Atílio Brunacci - Daniel Gasparini - Eduardo Santos Lima - José Gonçalves da Silva Filho - José Lui - José Moreira de Souza - José Wolf - Luiz Furlanetto - Oswaldo Buzzo - Paulo Toschi - Renato de Oliveira Gabriel - Tomaz de Aquino Toledo - Wilson Mosca.

Contribuições - O informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio de duas contas bancárias: 1) **BRDESCO** - Ag. 95-7 (Nova Central) - c/c no. 226990-2 e 2) **BANCO DO BRASIL** - Ag. 3055-4 (Boulevard S. João) c/c 12.158-4. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um *email* ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Antônio Carlos Correa, Paulo Toschi, José Justo da Silva, Antônio Simões e Márcio Pereira da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para *ECHUS DO IBATÉ*, Cx. Postal 71.509 - Cep 05020-970 - S. Paulo-SP (Obs. Se possível, enviar material de colaboração em disquete ou por e-mail, com textos em Word e fotos ou no original, que logo serão devolvidas pelo correio, ou digitalizadas no formato jpg).

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados representam o ponto de vista de seu autor e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

EMAIL: echus@zipmail.com.br ou

ibate@seminariodesaoroque.com

SITE: <http://www.seminariodesaoroque.com>

Tiragem: 1.000 exemplares

Diagramação: Marcelo Silva Calixto (11) 6162.3640

Impressão: Gráfica e Editora J.Chevalier (11) 3228.9988



Um sonho, enfim realizado!

Oswaldo Buzzo (1962*)

Desembarquei do trem na estação de São Roque, e, naquele momento, me senti perdido, assustado, sozinho, apesar de estar acompanhado pela "troupe" de veteranos de Itu. Entre eles se encontravam, Francisco Fanchini, *in memoriam*, José Carlos Bochini, Moisés Sanches, Amauri Sanches, Antônio Martini, e outros. Era janeiro de 1962, e eu contava, apenas 10 anos.

Logo depois, cheguei a jardineira que o Reitor Constantino enviara para nos buscar, e nela seguimos todos, pela poeirenta estrada que ligava a Araçariguama, até o Seminário Menor Metropolitano, local onde iria estudar e residir naquele ano.

Foi um período de difícil adaptação, mormente, pela minha tenra idade. Além de que, jamais estivera por tanto tempo longe de meus pais. Ainda, face à eclética turma de menores que iniciou o noviciado naquele interregno, logo me enturmei, e era um dos que mais usufruía os memoráveis intervalos recreativos com que, diariamente, éramos brindados.



GRUTA DE MASSABIELLE - LOURDES - FRANÇA

Naquela imensa extensão de terra nua, que ficava encravada entre as três alas do pomposo edifício, jogávamos futebol, vôlei, basquete, espiribol, "betis", "ferrinho" e outros esportes menos populares. Ainda, eu, metódico e compenetrado, desenvolvi um perene hábito: não iniciava nenhuma atividade lúdica, sem antes fazer uma visita à mística gruta encravada na encosta fronteira, onde, diante da imagem de Nossa Senhora de Lourdes,

exteriorizava ardorosas preces.

Tal devoção, levada a extremos, foi logo notada pelo nosso diretor espiritual, o saudoso Padre Ruy que, depois de rasgados elogios, incentivou-me a consagrar mente e corpo, integralmente à Maria.

Esse ferrenho devotamento perdurou até dezembro, quando, ao notarem que "eu não tinha nenhuma vocação para padre", disse adeus definitivo àquele sodalício. Contudo, um pouco antes de partir, numa derradeira e conturbada visita à gruta da Mãe Maior, prometi, solenemente, que um dia iria conhecer o local exato de sua aparição, em Lourdes, na França.

No entanto, as pugnans diárias pela sobrevivência e as preocupações do cotidiano deixaram-me distante dos estudos praticados naquele local sacro e fizeram com que eu me olvidasse completamente daquele pacto. Assim, com o decorrer dos anos, passei a ser devoto de Nossa Senhora da Candelária, padroeira de Itu, minha terra natal. Aliás, numa coincidência feliz, que só vim saber muito mais tarde, casei-me, 28 anos atrás, exatamente, no dia em que se comemora Nossa Senhora de Lourdes, qual seja, 11 de fevereiro.

É verdade que o tempo corre célere, e não pude, durante todos esse anos, retornar ao saudoso Ibaté. Até que em 1998, através de um telefonema, fui "localizado" pelo colega Simões. E, finalmente, em agosto de 1999, pude transpor novamente o memorável portal do Seminário, para participar do IV Encontro dos ex-alunos.

Ao rever o pátio do recreio, quase de imediato, uma mão silenciosa, principiou a comprimir meu coração. Inevitavelmente, minha preocupação instantânea foi dirigir-me à gruta e, suplicar perdão à Virgem Maria, pela omissão à promessa ali externada, tempos de outrora.

Não participei do Encontro do ano de 2.001. Mas, em 2.002, já afeito à Internet, consegui acessar um "site" francês, e pude conhecer "ao vivo", ainda que virtualmente, a gruta milagrosa de Lourdes (www.lourdes-france.org). Essa fantástica visão incentivou-me a repensar o sonho, de forma que, após meticulosos estudos, dimensionei quitar minha obrigação, para dali a dois anos.

Seguiu-se um longo período de muito trabalho, expectativa e preparação. Porquanto, para a consecução de meus planos, eu precisaria ser audacioso, porém, também, sensato e precavido.

Finalmente, em abril de 2004, embarquei rumo à Europa. Depois da breve passagem por Madri e Toulouse, tomei um trem e, finalmente, às 15 horas do dia 05/04,



GRUTA N. SRA. DE LOURDES NO SEMINÁRIO DE S. ROQUE

aportei à cidade de Lourdes. Emocionado, coração batendo forte, adentrei pela primeira vez ao Santuário, aquele imenso jardim, onde medra, tão próximo, todo tipo de sentimento humano: esperança, gratidão, alegria, desespero e negócios profanos.

Após emotiva visita à Gruta de Massabielle, local onde Nossa Senhora apareceu pela primeira vez, em 11 de fevereiro de 1858, a Bernadette Soubirous, uma das providências que encetei foi acender uma vela às almas dos bondosos padres já falecidos, que tão bem me orientaram naquele longínquo ano de 1962. Veze que, naquele internato, graças a eles, recebi uma educação esmerada, uma instrução de primeira grandeza, com um relacionamento sadio e doutrinação sólida, comportamento rígido, que me foram de suma valia pelo resto de minha vida.

No dia seguinte, após assistir duas missas, fui solenemente abençoado pelo Padre Capelão da Basílica de Nossa Senhora do Rosário. Em seguida, determinado, movimentei meu corpo rumo à leste. Nessa direção, venci 1.000 quilômetros, a pé, num "vão" solitário, e, depois de 32 dias aportei ao Santuário de Compostela, Espanha (**).

Na chegada, defronte à magnífica Catedral de Santiago, alguma coisa pareceu explodir dentro de mim, um misto de prazer, emoção, cansaço e felicidade. Porque, meu Caminho, uma fina linha que um dia traçara sobre um punhado de mapas, depois de estudar com afinco todo seu trajeto, havia atingido o ponto geográfico pré-determinado, sem nenhum imprevisto. Por conseguinte, fui invadido por uma sensação de paz, beatitude, tranquilidade.

No Brasil, após retornar da "viagem", sentia-me realizado e agradecido pelas benesses colhidas ao longo de minha odisséia. Entrementes, meu coração permanecia aflito e contrito, pois me faltava realizar, ainda, algo. O que? Inquiria-me.

Então, movido por um caleidoscópio de sentimentos vigorosos e antagônicos, compareci ao VII Encontro dos ex-Seminaristas, realizado em agosto de 2005. Realmente, um momento inesquecível, em que, após os cumprimentos de praxe aos inúmeros colegas ali presentes, postei-me, comovido, frente à imagem de Nossa Senhora de Lourdes, e pude orar com fervor.



CATEDRAL DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Lá, solitário, defronte à gruta, lágrimas de júbilo foram vertidas. Porque, finalmente, após 43 anos, eu retornava para reverenciar e agradecer pela minha bem sucedida aventura, que culminou com o resgate de minha dívida. Como por encanto, a mão imaginária que oprimia meu peito principiou a relaxar.

E, são essas recordações de regozijo espiritual, que nos acompanham pela vida afora.

Obrigado, Mãe Maria!

(*) Oswaldo Buzzo, 55, é advogado e funcionário público federal em Campinas-SP - oswaldo_cps@yahoo.com.br

(**) Relato detalhado dessa peregrinação pode ser acessado em www.caminhodesantiago.com.br/relatos.htm (nº 80).